

Cenas De Romance

Título: Cenas De Romance

Autor: Teresa Manuel

Edição: LuísAmorimEditions

Apartado 5

2781-901 Oeiras

PORTUGAL

Internet: <https://luisamorimeditons.shopmania.biz>

<https://luisamorim.tambemescrevo.com>

<https://www.facebook.com/luisamorimeditons>

Email: luisamorimeditons@gmail.com

Data da Edição: 29 Outubro 2023

Copyright: Teresa Manuel

Imagem: pxhere.com

Todos os direitos reservados segundo a legislação em vigor.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização da Editora.

Impressão: Lulu Enterprises, Inc.

ISBN: 978-1-4466-8606-5

Este livro surgiu no final de 2022, quando tive a mirabolante ideia de expressar algumas situações que a vida e a ausência de audácia não permitem ecoar. Numa noite de rebuliço comedido, num clube da cidade de Luanda, presenciei atenta uma cena de paixão que aos meus olhos de artista, merecia mais entrega ou talvez um final mais atractivo. Não fui a única espectadora de cenas de feitio, pois o mundo todo é um constante espectador de situações do género. Entretanto, calculei a grande emoção que poderia ser transbordada pelo leitor se entre linhas e lidas por ele mesmo visse cenas e momentos vividos por ele próprio ou talvez que gostasse de viver. A partir de 40 temas, histórias sem relação entre si, “Cenas De Romance” espelha momentos de atracção, desejo, saudades e recordações de uma vida, situações que só a paixão explica. Espero que o livro empolgue, entusiasme e crie coragem a todos que estiverem estáticos cogitando à beira de um romance ou com medo de lembrar.



Cenas De Romance

Índice

- 9 *Jogo Malvado*
- 10 *O Vento Do Outono*
- 12 *Céu Da Meia Noite*
- 13 *Esperança Arrojada*
- 15 *Perpétua Imaginação*
- 16 *Perseguida*
- 17 *Extremos*
- 18 *Mata-me Letra, Mata-me*
- 20 *O Mirone*
- 22 *Ao Som Da Paixão*
- 23 *Impregnada*
- 24 *Virtualmente*
- 28 *Harpa Suicida*
- 29 *Século Arranjado*

- 30 *O Par*
- 31 *Mudança De Rota*
- 34 *Os Olhos Matam*
- 35 *Amantes*
- 37 *Busca Interrogada*
- 39 *A Anfitriã*
- 41 *Última Estação*
- 43 *Ruínas*
- 45 *Sem Fôlego*
- 46 *Expressões Do Sim*
- 47 *A Colina*
- 48 *Mundo Minúsculo*
- 49 *Sons Do Além*
- 50 *A Queda De Um Alucinado*
- 52 *A Grande Fuga*
- 56 *Passo Seguinte*
- 57 *Sedutora Experiência*
- 58 *Combustão E Química*
- 60 *Check Mat*

- 61 *Bouquets Para O Infinito*
- 62 *Uma Doce Visão*
- 63 *Beira Da Perdição*
- 64 *Primeira Classe*
- 66 *No Declínio*
- 68 *Paixão Artística*
- 69 *Testemunhas Da Memória*

Jogo Malvado

O súbtil momento foi tomado pela famosa louca cena do romance, “o jogo hipócrita da paixão”, onde dois sexos atraem-se mas precisam ocultar-se, os vidros das taças reflectiam o que aos olhos de ambos escapava. Os sorrisos combinados ecoavam uma provocante satisfação, o jogo só enchia suas mentes incertas de fantasias inexplicáveis.

Havia sim, peculiaridade, não tivera acontecido com mais ninguém, pois antes dela sentar-se naquela mesma mesa, experimentou uma, duas, e três mesas até fixar-se naquela, no local do encontro súbito e da troca de olhares cegos. Contemplavam-se despercebidamente, afinal ele era casado e ela estava acompanhada.

O Vento Do Outono

Trinta e cinco passos e as cem folhas definhadas, a esquina encurvada, o lago viçoso, o pastor alemão no parquinho, o motorista aferrado, olhar desviado. Repetiu mil vezes, passaram tantos mas nenhuma presença foi tão interessante, quase ia perdendo, perdendo a perna em pleno outono, o vento cegou-a, os passos desconheciam e então o susto a projectou ao chão, o carro nem a tocou, havia alguma distância, coitado do homem ao volante, o susto estremeceu-o para fora do carro, não havia sangue, porém estava desacordada, sentiu-se culpado, pois durante o ocorrido estava ao telefone, carregou-a e aforçurou-se ao banco de urgência. Não havia fraturas nem nada alterado, apenas um susto, homem afável desculpou-se quando ainda estava desnorteada, olhou para ela e disse que pagaria a conta. Descansado, o inevitável emergiu, apreciou-a enquanto questionava sobre algum parente, mas esta logo também desculpou-se e pediu que não se preocupasse, adormeceu em seguida e quando acordou viu em seu colo um lindo *bouquet* de flores e um pequeno bilhete que dizia, "aquele

forte vento apresentou-nos de uma forma perigosa, mas ganhei o dia, tens uns lindos olhos" ... E então acordou outra vez, mas desta para a realidade, afinal tudo não passou de um sonho, não era outono mas sim inverno, o frio fazia dormir bastante, entretanto, os sonhos eram intensos, levantou da cama e lá estava o afável homem do sonho, na sua frente, dando-lhe bom dia através de um belo sorriso, depreendeu que a contemplava enquanto dormia, também expressou-se num sorriso, desvairado, porém feliz. Era tanta satisfação que sua mente maquinou tal partida, um sonho entusiático, uma viagem ao tempo, fê-la reviver o ilustre dia em que conheceu seu eterno companheiro, amor das quatro estações.

Céu Da Meia Noite

Toque de pintor, quadro na vitrina, e a vitrina cobria o mundo, arte imensa, um lindo cobertor escuro lampejava como o falar do poeta, viam o azul no preto, a lua estava no seu melhor, testemunha exibicionista. Sensações da meia noite, a nostalgia era modesta, ébrios não poderiam dizer o mesmo pois eram compassivos demais. Ouviam o "Midnight Train" e dançavam emotivos, o resto estava letárgico. Não foram levados pelas taças, não tinham este poder, estavam atentos em outra, o sol não poderia nascer sem eles sentirem que faziam o mundo girar, dançavam agarrados e a brisa os batia, tinha ela o seu queixo apoiado ao ombro dele, eram a resposta do final das festas, quando o universo madornava, quando as cadeiras já estavam caídas, garrafas pela metade, cigarro esfalfado na aterragem, quando a música já não tinha ritmo, mesas perdidas, quando os estilhaços de vidro já abraçavam o chão e o brilho das luzes do salão já não era o mesmo, eram eles, no final da festa, queimando-se de desejo enquanto beijavam a lua.

Esperança Arrojada

“Flores?” Perguntou o que eram aquelas belas flores coloridas dispersadas pela cidade de Amesterdão. Como ía maravilhar inexplicáveis patrimónios naturais que faziam a terra se o seu sorriso em conversas com o sol era mais atrativo? Temia que ele sumisse, se só pudesse ver suas costas, os rios seriam pequenas poças, dizia ainda que nunca mais iria queixar-se do tempo, pois ele a trouxera. Sorrisos miúdos enquanto lia as mensagens, talvez com uma certa demasia, já estava influída pois o veria outra vez, falavam separados mas em sintonia fechavam os olhos e ainda se viam, abeirantes um do outro, em conversas banais, dissimulavam o que sentiam, era cedo demais, seriam capazes de matar para reviver a cena, entre o silêncio e a chama, envolvidos pela conversa de olhares. O ontem estava tão distante, lembrar era doce e amargo, porém o amanhã também olhava o relógio, aguardava pela sua chegada, aguardavam pelo reencontro, estradas e quilómetros não apagavam a chama, o desejo era direcionado, o amor

contava histórias, ficavam tatuadas. Tinham o melhor remédio, guardavam a dor nas profundezas da esperança.

Perpétua Imaginação

Era aquele sentimento insalubre? Coitada, morta para a realidade, sua mente transtornada era um constante hóspede num mundo inexistente, só aqueles beijos não foram suficiente. Escapou de suas mãos, foi-se aos poucos, aquele desejo exorbitante criava uma fonte de esperanças frívolas a cada novo alvejar e, conseqüentemente, a transformava numa fiel sadomasoquista infeliz que vestia sua solidão diária de pequenas lembranças, curtos momentos semânticos que tivera com seu amor proibido, bafejava-se para não crer que seria o fim, mergulhando sua perpétua imaginação em intensas expetativas. Cumpriria ele o até já que tivera dito a ela quando a mesma o questionou se seria um adeus? Aquele dia de preto e branco na igreja o teria levado para sempre? Sentia-se no direito de esperar por ele, pois ainda sentia em seu ouvido o ecoar das loucas promessas que nem mesmo ela havia pedido, foram todas ditas com sinceridade, sentia-se na pele aquela sintonia de paixão. Teria ela sido néscia, cedendo a tanta demonstração de desejo?

Perseguida

Seria mesmo uma quimera?? Assente, decidido, criou o propósito e assinou por baixo, tinha ela consigo há décadas, cresceu com ela em sua mente, criou para si o modelo da dama perfeita e, finalmente, saiu de sua mente e seus olhos a tomaram, surgiu do nada na mesma cidade, ele nem acreditava, suas tatuagens nem tinham significado algum, mas aquela cena... Que coragem audaciosa, para amar a bela mulher dos seus sonhos fez questão de a esperar. Não era um *déjà vu*, pobre mulher, a bela dama estava assustada. Fiel devaneador, era um desvario, mas ele conseguiu, após indagações profundas, humilhações diárias, não era um homem banal, portador de uma afoiteza surpreendente. Não seriam eles um casal numa outra vida??

Extremos

Concitararam numa galáxia sem nome e descomedida, a noite passada fora uma viagem extremosa. Aquele fogo desmembrou-os de todo o resto, era outra dimensão, expetativas superadas, não foi tal como imaginaram, pois cenas assim não se planejam. Porém, foi mais do que suas mentes açodadas pelas expetativas poderiam imaginar. Tanta fome e blandícia, satisfação evidente quando a vontade ainda não tinha acabado. Não, não era um amor comum, criaram algo fenomenal, contemplou-a a noite inteira de um jeito insabido que acabou transformando aquele corpo apolínico num rico diamante. Sim, ele a fez sentir-se como uma pedra rara, a melhor simulação sonhada, desde os mais remotos tempos nunca a adrenalina tivera antes fluído daquele jeito tão titânico.

Mata-me Letra, Mata-me

Aguardava, fora uma hora e meia, então sossegou, quando se viu ao pé dela, era sua vez, finalmente. Mais que um autógrafo, mais que um livro comprado, mais que uma escritora, não era da compreensão de fanáticos e nem o psicólogo teria um argumento, viu-a escrever no livro que seria seu, aquelas sábias mãos, queria saber seus segredos, descodificá-los. Como poderia imaginar tanto? Possuidora de um talento colossal, não poderia ser real, hipérbole. Nunca terminava as sessões, não gostava das conferências, pois teria que dividí-la com metade da cidade, era absurdo, o perfume da escritora a rondava, e via os segundos a passarem monótonos enquanto o seu livro era autografado, o encontro estava marcado, pois chegando a casa, ele a teria. Velas, vinho, vinho tinto, claro, banho de espuma, aprontou-se bem, a autora o impactava, contos, romance, prosas, estava pronto para ler mais uma, e então tirou a roupa, acendeu as velas, pegou o livro e entrou na banheira, mais uma intensa história, não era um leitor comum, ninguém entenderia, aquelas linhas faziam-lhe imaginar sua autora, estava com ela,

suas mãos andavam pelo seu corpo, imaginava a pele macia, vírgulas eram gemidos, pontos eram abraços, lia e a conhecia, sabia suas intenções, estava molhado, não era a água, os parágrafos o excitavam, via através das falas seus olhos mortos de prazer, não era um estouvado, era o amante, ela sabia, era a escritora, conjecturava algo assim, mulher sábia, suas letras eram armas, frases o colocavam na sala de embarque, viagem de clímax, sim ele teve, antes da página trinta, sentiu-se, sentiu-a.

O Mirone

Manhãs, tardes e noites de estreia, estreava em grande, do outro edifício, predileto campo de visão, até tinha uns binóculos e uma câmara, apreciava minuciosamente, absurdo aquele entusiasmo, apenas o vigésimo andar degustava. Varanda cúmplice, ainda seria preso por invasão de privacidade. Parecia um enredo sempre que ela ia tirar a roupa, o ponto mais alto dos dias dele, para tal cena ouvia "Bethoven", tornava o episódio emocionante. Tinha a rotina dela ordenada em sua mente, cortinas afastadas, brisa entre os cabelos, deixava invadir-se, oxigénio puro, atleta das seis e trinta, café na esquina, profissão anónima, mas havia palpites, advogada talvez, sua indumentária formal, aqueles montões de livros jogados na cama e noites de leitura na varanda davam-lhe este raciocínio. Fazia vídeos, vídeos editados, cineasta amador, melhor filme de sua carreira, e via em câmara lenta quando a água pingava em sua face, quando mandava o cabelo para trás, quando esfregava seus cosméticos, tão doce e plena, a melhor garota propaganda, a perna elevada noticiava alguma, adorava

esta, tinha uma singularidade impressionante, saboreava a melhor cena do dia quando de olhos fechados ela cheirava seu perfume no pulso, era tão *sexy* e elegante, mulher de classe. Não deixava faltar o *marron* em sua indumentária, usava sempre rabo de cavalo, "Victoria's Secret" marcava suas roupas íntimas, guarda-fato glamoroso. "Sorria, você está sendo observada". Calculava dizer-lhe isto se fosse apanhado, o que seria impossível, porém deixava resquícios de suspicácia por conta dos *bouquets* de rosa que mandava para ela todas as manhãs de terça, exatamente a hora de sua corrida pelo quarteirão, enviava por um entregador fantasma, deixava por baixo da porta e desaparecia. As rosas eram vermelhas, seus lábios adequavam, o bilhete era anónimo, escrevia sempre "estas rosas não chegam aos teus pés, adoro a estampa das tuas cortinas". Algumas vezes atrevia-se a espiar, talvez o visse, o mirone das suas belas estampas, mas era inútil, seu mirone estava na melhor posição, como um bom soldado, um atirador, seu alvo desconhecia, aquela suspicácia não lhe subia à cabeça, pois era cheia de pretendentes, muitos manifestavam-se mas ninguém era como o mirone, este a sondava.

Ao Som Da Paixão

Havia alvoroço mas eles nem percebiam, seus olhos estavam grudados um no outro, ele tomava o melhor *whisky* da casa enquanto seus lindos olhos castanhos dançavam com ela a seis metros de distância, eram o par perfeito, o observador e a pétala que surgia cada vez mais branda, solta e afável sem ir contra a força do vento, apenas fluía harmonicamente. Que proscénio, que arte, era tão bela dançando e com aquele vestido preto em seu corpo *sexy*, tornava-se egocêntrico a cada piscar de olhos, estava maravilhado. Seus seios marcados e a coxa direita denunciada espontaneamente pela racha do vestido, faziam-lhe dar goles atrás de goles em intervalos muito curtos. Pensou em convidá-la para dançar, queria que não mais fossem apenas os seus olhos a dançar com ela, queria também tocá-la, sentir sua respiração e perguntar-lhe aonde estivera nas noites passadas e lamuriar-se por deixar seus olhos apreciarem cenas supérfluas, quando devia sempre estar a seis metros de distância dela, participando do grande baile onde seus olhos e os passos dela dançariam ao som da paixão.

Impregnada

“Nunca mais, nem pensar, que balbúrdia, é só um perfume, não posso apegar-me a um cheiro.” Extrema perplexidade, situação destrambelhada, respirava o absurdo. Como podia encurralar-se a um cheiro? Era mais que um cheiro, aquele aroma aliviava sua pessoa da saudade, estava avassalada diante aquela paixão ambreada. Poderia aquilo ser chamado de paixão?? Sim, poderia. Ele não a beijou mas fê-la sentir que sim, foram dez minutos de volição eminente, amou-a e deixou-a com seu perfume, não a abraçou mas ficou impregnado nela, viciou-se. Não foi dele e talvez nunca viesse a ser, mas os suspiros e o rosto álaque em cantos com a expressão fugida da realidade, lembrando cada detalhe dele, faziam qualquer terceiro pensar que sim. Aquele olhar como depravada, seu jeito lunático não fazia sentido, porém era a forma mais feliz de ser, seu sorriso feliz e sincero não dependia de ninguém, a saudade era evidente mas optou por ser feliz, escolha inteligente, do contrário desvanecia-se aos poucos. Esqueceu-se da

perfumaria, por vezes já nem precisava inalar, era só fechar os olhos e lembrar, estava impregnado nela.

Virtualmente

Letras, palavras, frases e conversas surgiam cada vez mais chamejantes, rutilavam ideias, já estavam na fase dois, acordo, aprovação, compatibilidade, concórdia, chamem o que quiserem, mas era a fase dois, reciprocidade eminente. Fotos, áudios?? Já passaram desta, ansiavam por um tempo mais real, não fora das redes, porém algo com maior credibilidade. Adultos, a viúva na fase de aceitação e o médico cirúrgico sem tempo para a casa, esquecera a família. E lá foi, marcaram uma vídeo chamada, às três da tarde, ela estaria em casa e ele sem pacientes, pelo menos durante aquele tempo. Telemóveis em posições, procuraram a melhor vista, exploraram a luz, sim ela maquilhou-se, usou rímel e base, tinha uns lábios atraentes, por isso não mexeu muito, mas ele não tirou os óculos e nem sua bata, sempre em prontidão. Na velocidade da luz, o mistério foi desvendado, pernas cruzadas, usava um vestido vermelho, cabelo solto, morena tal como nas fotos, aliviado, era mesmo a mulher do perfil. O doutor mais sensual que já vira, adorou vé-lo de bata. Aqueles óculos? Ainda bem que não os tirou, era

mesmo o homem das fotos. Constrangidos? Sim, completamente, faziam gestos involuntários, risos quando as palavras fugiam. Trémula, encafifado, a fascinação areou-os, ambos agradados, a fase dois estava concluída, já havia alguma confiança, algum crédito ganho aconteceu, o desejo arremessou a solitária carente ao nível seguinte, não se conteve, desejo insustentável e imediatamente convidou o doutor inexpansivo para o mesmo nível. Afirmou estar com calor e perguntou se poderia levantar o vestido, havia mesmo uma temperatura extra, ele concordou passando as mãos na cabeça, afobado e achamegado do outro lado do ecrã, apenas pediu que aguardasse porque precisava fechar a porta. Levantou, trancou a porta e limpou o suor com o lençinho que ficava no bolso da calça, freou suas emoções bebendo água, estava alienado, caminhou em passos lentos e tomou seu assento de volta. E lá estava ela, suas pernas continuavam cruzadas, porém, o vestido já não estava, usava um conjunto preto, sutiã sem alças e a cueca era de renda, tinha uma taça de Martini na sua mão direita, não costumava beber àquelas horas, mas precisava desacomodar-se. Virtualmente, raptou o doutor daquele hospital e arrastou-o para o seu quarto, estavam próximos, muito próximos, recebeu-lhe a taça e a beijou, estavam no

vazio, silêncio total, a cama era tão macia, pois ele sentiu quando foi jogado. Quando ía tirar-lhe a bata e o cinto, os óculos já não estavam, a luz acendeu, o silêncio correu e alcançou a meta, pois batiam na porta com muita força. Então acordou para a realidade, não sabia como mas os seus óculos estavam por cima da mesa e suas mãos a desprender o cinto da calça, os dois saíram em gargalhadas atrapalhadas. Reestabeleceu de imediato, prometeu que ligaria dentro de pouco tempo e afirmou determinado que queria sair daquela fase e passar para a seguinte. Foi impressionada com um lindo sorriso e olhar de paixão.

Harpa Suicida

Doce e amargo som, veneno que sabe bem, suspiro devastador, passava horas confortado na sua melhor companheira, tomando sua anestesia diária e ouvindo melodias da alma, aquelas letras cantadas não poderiam apenas ser chamadas de música quando tinham o poder de o levar até ela e em profunda excogitação, tinha o rio em seus olhos sempre que as ouvia, mas não deixava fluir em sua face, seu machismo escapulia e era só saudade, porém não pouca saudade, o corroía até nos ossos. Solidão asnática, pois era rodeado de olhares que não precisavam descodificação, mas seu desejo recalcitava num romance enigmático, desertava daquele cenário emotivo, mas logo em seguida retornava ao ponto de partida, homem tolo, cada nota era uma amolestada. Entre versos e estrofes, mussitava suplicando que ela ligasse, apenas dez segundos valiosos para ter a certeza que aquela conexão abrasada não tivera acabado e, no fim do beijo, ouvir o tema que simbolizou a paixão. O que era suposto marcar o romance, tornou-se num *serial killer*, ouvia para lembrar, mas cantava o mortífero.

Século Arranjado

Testemunhas oculares cegos pela inveja, pobres amantes. Que poderiam eles fazer? Adaptar-se àquele comedimento estúpido e enterrar a essência do amor? Flores em *bouquets*, olhares sobre a mocinha, chulices do velho rude avinhado, eles precisavam vivê-lo e não interromper seus extremos, um doce beijo malicioso no campo de milho, e na grama descortinar suas pernas, formosa gota no oceano, e aquele era apenas um século de fachada. Invejados, mal vistos, julgados, formas dos corações cuspiam e os olhos vociferavam aberração da maneira mais pungente. Queriam, ocultavam mas queriam, experimentar uma vida insensata mas as suas leis descreviam milhares de actos como pecado. Aquilo lá era vida? Ninguém queria ser o primeiro a perder a modéstia, sensatos infelizes. Amantes alucinados, o resto era invisível, coragem vestida de gelo era um grande requisito, a vila rugia e eles cantavam a canção do prazer, felizes e saciados, não eram rebeldes, apenas viviam enquanto o resto se subordinava às instruções.

O Par

Veleidades, ladrões dos segundos, viam-se em vidros embaçados, cantados pelos becos, compelidos ecoavam, as sombras eram altas, moviam-se, possuíam o espaço, amavam-se, urgia e eles amavam-se, despertados viviam, suscitavam, outros e falas não eram, absolutos culpados se combalisse, os passos sorriam entre si enquanto corriam empolgados, intentos perturbavam, derivados do acaso, em ânimo buliço, eternos inquietos, discursavam sobre as vinte e quatro, privilegiados espetadores do tempo, olhares eram despeitos, disparavam pelo céu, alta sinfonia, o externo reagia, inundados de surpresa. Que amor era aquele? Toques e olhares, não se viam, eram, estavam, carregados, adornavam o que os refletia, amavam-se, urgia e amavam-se.

Mudança De Rota

A escuridão estava de costas e as luzes brilhavam como o resplandecer de acessórios, vinha sozinha, estava exausta, acabou-se no serviço, cinco e cinco não era aterrorizador, assédios, desaforos banais, era uma *strip*, dançava muitas músicas ao mesmo tempo, vidros a cair, beberrotes em ataque de insatisfação, chulices, berrego do chefe em constante descontentamento, cinco e cinco não era mesmo assustador, estava acostumada. A rua ouvia seus passos, o frio importunava, abraçou-se com tudo que tinha, só queria chegar a casa, já não aguentava os saltos. Os táxis? Nenhum passava, talvez estivessem a chegar, perderam as horas, a noite de domingo os colocou em anestesia profunda. Aproximou-se um Ford 145, era branco e novo, o motorista vinha-lhe observando de longe, então diminuiu a velocidade, era livre para preconceitos, mas gostou mais da ideia de uma comunicação normal, baixou o vidro e buzinou, claro que ela olhou, estava atenta aos lados para ver um táxi. Após o carro parar, interpelou o homem, quis saber se era mesmo táxi, queria

mesmo poupar as pernas, o estranho mentiu, vinha apenas de uma folia quando de repente a avistou, chegadisso, impulsivo, mas não, ele não a persuadiu, a história do táxi não a convenceu. Coitada, não se aguentava em pé, queria lá saber se era um farsante. Entrou no carro e perguntou se podia fumar, ele sorriu e disse que tinha isqueiro, as perguntas surgiam, ele calou o silêncio e soube de coisas. Não era uma prostituta, largava tarde e tinha pouco tempo de descanso. Ousada e sem freios, disse-lhe que sabia que não era um táxi, o homem já demonstrava interesse, mas ela só queria chegar a casa. Muito atraente, cheirava a álcool, dirigia bem, açulado não se conteve, contou que não era casado mas que talvez dentro de algumas horas seria, inclusive vinha de sua despedida de solteiro. Aquele carro? Presente de noivado, ainda não ganhava tanto como fotógrafo. Atrevido, não deixou de reparar, disse que tinha uns lindos lábios, que deveria parar de fumar e que não precisava daquela carapaça, sua doçura era linda, não deveria ocultá-la. Encabulada, a sua casa já se via. Então, pediu para sair, não ligava a emoções, odiava esses episódios, a realidade era dura, evitava decepções. Tentou pagar mas ele recusou, logo então ela saiu do carro, fechou a porta, olhou para ele e desejou-lhe felicidades pelo casamento. Ele estava

sem pressa, ansiava por uma situação inesperada, queria vê-la mais, foi aí então que surgiu a proposta, pagar-lhe-ia o triplo do seu salário se aceitasse fazer algumas fotos com ele, num lugar secreto, sem observadores. Não a ofendeu, apenas soube apreciar, tinha um olhar profissional, sabia que seriam imagens incríveis, ela fê-lo esquecer o casamento involuntariamente, acabou sendo não mais importante, seduzido, encantado, surpreendido, sabia bem o que estava a fazer. Estava cansada, queria dormir, mas talvez estivesse na hora de pôr fim aos insultos, aos berros, poderia ser dona de si, poderia fazer seu salário. Aceitou, mudou sua rota e voltou para o carro. Tinha ela o poder em suas mãos para também fazê-lo mudar de rota, estava desprotegido, expôs-se demasiado, talvez não chegasse a casar.

Os Olhos Matam

Perfídia, tramada pelos próprios olhos, saíu-lhe caro, pecado passional, o doce acabou sendo invasivo. Vivia ela, cega não era, não havia pretensões, estava só acordada, o carro que a levou poderia ter enfrentado um péssimo trânsito, mas ainda era insignificante. Poderia ter parado noutra, maldito galão quente exibiu-se ao acaso, não ensinou-se mas era tão lindo e estava mesmo a olhar para ela, não era um erro, era um embuste, poderia ter-se esquecido das chaves, talvez assim fosse salva, se fosse um falador, porém não havia defeitos, maldito acaso, sorriu sem querer, parecia um jogo, nada a obedecia. O que os olhos fazem, trancaram-na na imaginação, algemada no quem dera, acreditou nos instantes, inconveniência, o destino não viria com anel, mas sentou-se ao pé dela, talvez quisesse mesmo ser notado, o coração sentiu, custava-lhe largar, era bom e cruel. Depois de um vôo empolgado foi arremessada ao chão, pois apareceram a esposa e a filha, dor, muita dor, ainda arrancava os olhos, prometeu andar distraída, não merecia, coitada, já não iria ver.

Amantes

Sorriu enquanto falava, viu-a outra vez, a deixar o quarteirão, infeliz do senhor com quem ele falava à porta de casa, só os ouvidos tinha, pois a atenção estava em outra. Como podia contempla-lá daquele jeito? Os olhos sucumbiam de prazer, não acreditava na forma que ela o fazia sentir, queimava por dentro. Como aquele sorriso era feliz. Bons observadores perceberiam, felizes no oculto, mas era tão meigo e difícil de controlar, adoravam ser os protagonistas daquele intenso romance, o medo só iria atrapalhar, então jogavam-se, a cada episódio. Entrou no táxi olhando para ele, aquele olhar colocava o mundo em suas mãos, ninguém existia, não havia vozes e distância, era como abduzir, e tinha ele uns olhos que a deixavam sem opções. Três da tarde era hora de esquecer que ele tinha impedimentos, apenas esqueciam, sua bela esposa, mulher da alta sociedade, sua filha e seu lar amoroso nunca faziam parte das suas conversas, não tinham planos de deturpar nada. Era difícil morarem perto um do outro, mas jogavam incendios, ter e não ter, era eletrizante, sempre que ele a

beijava às três da tarde, naquele quarto de hotel, esquecia dos limites e ele não poderia dizer não, os segundos os seguiam, provocava sensações da melhor forma, amava loucamente, não desviava o olhar nunca, um *gentleman* e ela a mulher com o jeito que o deixava aturdido, partia-se em dois.

Busca Interrogada

Nas noites procurou-o entre o alarido da cidade alegre, talvez o que o levara, o traria de volta, a nostalgia forçou-a a conhecer rostos, rostos que não eram dele, por trás dos vidros fumados, entre veículos, do veloz ao paulatino, no local que os apresentou, viu costas e formas de caminhar, vozes que a convidaram, teve sensações, espreitou, esquadrinhou, não era ele no banco, o senhor que tomava café no restaurante declarado, o senhor que exercitava na esquina, o senhor que entrava no carro. Nunca sorriu após os dois sentidos, arfadas no lugar do sorriso, pois nenhum deles era. Talvez não o voltasse a ver, abismava-se com tal ideia, talvez enlouquecesse, o sumiço mais dolente, deixou-a sem respostas. Meses em caixa postal, também não ligava, mensagens eram suficientes, não queria cercá-lo, nunca se despediu, viu-o desaparecer fortuitamente, porém deixando a certeza do sim, por isso o buscava, cantos não lhe escapavam. Não era o mundo pequeno? Questionava-se, sombras a ansiavam, vista longínqua era uma angústia, porém, de perto também não era, abraçada

pelo desalento após o evidente e mesmo assim não cedia. Busca desditosa, mas havia boas lembranças, mais prestáveis que a peneira a tapar o sol, faziam-lhe sorrir, a lembrança mais feliz.

A Anfitriã

Ao som da rádio, entre o rebuliço ainda conseguia sentir-se, estava eufórica, girou o salão alcoolizada, já não ouvia a letra, viu-o passar, ia para a adega, momento oportuno, já não teria outro, calculou o tempo, um enólogo não precisava de muito para escolher o melhor, desceu as escadas, encostou a porta. Lá estava o hóspede, há muito que o espiava, nas noites de natal, festas de fim de ano, aniversários, sempre esteve à sua espera, no fim do beco, no fim da luz, causava, ele nunca percebeu, talvez estivesse ocupado, talvez seus sinais fossem fracos, era séria demais, sua vergonha a ofuscava, brindes não a deixavam falar, discursos eram longos, ninguém ficava só, não era a única, adversárias demasiado fáceis, vantagem. Como um *tik tak* descontrolado, seus passos emergiam, os saltos a denunciaram, ele logo ouviu. Ajuda? Ele não, mas ela talvez sim, já tinha a escolha nas mãos, precisava apenas retirar-se, mas ficou cercado entre o olhar e aquela atitude imprevisível, passou-lhe ideias, embaraçoso, ficou mesmo constrangido, os sorrisos davam tempo a qualquer um, mas ela nem deixou,

agarrou-lhe logo, sem perguntas. Inebriada, nem deu pela segurança, pois entrou alguém durante aqueles instantes, mais uma hóspede, entrou no silêncio, ouviu sons, eram ruídos para a música, ruídos para as falas, não se adequavam, anómalo, ficou de tocaia, e viu quando ele a penetrou, viu e atentou enquanto ela gemia, apreciou o contacto visual, não era nada esforçado, fê-lo querer, viu aquelas mãos fortes deslizando no corpo dela, viu ela sendo consumida pelo prazer e ouviu quando a garrafa de vinho desfez-se no chão, não percebeu, ia sendo descoberta, os dois acordaram, separaram-se e a hóspede escapuliu, só ouviram a porta a bater.

Última Estação

Disse que bebesse, que bebesse de si, o *drink* era forte, porém manava amor em suas veias, fumegava de desejo, calou o desespero, gozou os segundos e trancou o depois. *Lingeries*, beijos ao banho, dias divinos, estes já transitavam paulatinamente à porta da memória, sábios diriam que "o tempo dá tempo". Não experienciariam tal desagrado se ele pensasse duas vezes antes de corresponder ao segundo olhar, se ela se levantasse daquela mesa na sala de espera do aeroporto antes de fazê-lo olhar pela segunda vez, desgovernada, se não embromasse, afirmando ser uma guia turística, se tivesse contado a verdade no primeiro encontro, repensariam sobre o rumo daquela situação, o tempo adorava desatender, todavia eram eles os tolos, culpados, "a estudante e o turista por calendário". Acariciou seus lindos cachos ruívos, enquanto assistiam o alvorecer dos dias de primavera, e no verão até aquele raiar arrojado sentiu-se intimidado, pois os olhos deles brilhavam mais, dias inolvidáveis. Conheciam o fim, quatro paredes, ilustres de comemoração, saída em grande, um brinde

ao fim, não na perspectiva da hipocrisia, os finais não precisavam ser exclusivamente amargos, inspiravam delicadamente, oxigénio de porcelana. Se não tivesse parado para tomar o café, essa história não seria contada.

Ruínas

Passava por lá, pelo palácio histórico, assentou e entrou, empolgada e curiosa, pois teria um *flashback* de tudo que aquelas paredes velhas testemunharam em 1969, viu o chão, o chão da sala de estar, aonde foliavam levados pelo *swing* e *rock and roll*, aquelas brechas não eram dignas, poético museu, lembranças eram artigos, artigos que ecoavam, eco de uma vida. Agarrava-se àquelas paredes altas enquanto era tocada, deitavam-se naquele chão inquietados pelas gargalhadas, sentia o aroma da margarida logo à porta, a porta de madeira, a qual foi arrancada. O céu imenso estava no interior, pois os tetos o tempo levou, viu a cozinha, percorreu suas memórias e chegou naquela época, as grandes refeições, o empadão cheirava até na esquina, pisou as escadas que as nove da noite não pisava, sentia a manta em movimento quando era carregada. Chegou no centro de tudo, no lugar mais atrativo, o quarto, estava arruinado, emblemas que simbolizavam os melhores momentos da sua vida estavam descaídos, não lhe saíram lágrimas, pois adorava imaginar, a cama e eles, as noites de inverno, os beijos

ao pé da janela, o contacto visual até ao primeiro clarão, estava curada, eram relíquias, arruinadas, mas seriam sempre relíquias.

Sem Fôlego

Já não queria ser apenas olhada, imbuída sobre o que a fazia sorrir, orgulhosamente presunçosa, apenas sensações e sentir-se alterada logo após sua chegada, apenas delibar a troca de olhares, já não era suficiente, até o sol e a lua tinham um acordo. Eram eles menos importantes? Contemplada entre tantas, era preciosa, ela sabia, ele queria que ela soubesse. Não imaginava afagos, beijos ou toques inelutáveis, eram inferiores a eles, o sino já tocara às tantas, já era hora de deixar a formalidade da paixão, uma como aquela nem deveria ter, estavam a respeitar etapas, mas ela já não queria, a certeza sabia bem. Sim, ela estava nos olhos dele, era intenso, mas ainda assim continuavam a ser inferiores, só queria sair de si, ser deixada, deixada sem fôlego, que ele descompassasse sua respiração, sem espaços vazios e sem distância.

Expressões Do Sim

Encanto, cantava letras, embevecia espetadores, estáticos desnorteados, o tecido do vestido fluía nela enquanto seu corpo acolitava a melodia, do palco olhou, olhou mas só um viu, este dava uma atenção exclusiva, o cavalheiro de casaco de napa vermelho, vermelho tinto, o fascinado que a assistia de camarote, na mesma mesa, em noites sucessivas, aplaudia sem desviar o olhar. Desde a primeira nota, a forma súbtil que tinha o microfone, o requintado agudo, a forma como geria a adrenalina sem permitir que deslustrasse sua sensualidade, os passos mensurados, quando o vento a beijava, que figura, viu tudo isto, um luxo no palco, aproveitou aquela sintonia retrincada e desfilou para ele, não eram passos, apenas expressões, dedicou-lhe a canção, ninguém mais sabia, plateia estúpida, só assistiam a um *show*. Estava estampado neles, o baixista e pianista deslembrados, o cavalheiro roubou a vocalista, era um jogo influído, excitante, viu-a, ela também, ao tempo da música, e já não tirou os olhos, pois eles falavam, um lindo filme, na voz da protagonista ouviu-se a banda sonora.

A Colina

Continente vazio, centro da imensidão, reino das nuvens, isento de sons alheios, tinha os seus, eles. Lá estavam, amantes empíricos, no terceiro encontro após o roubo aliciante, iam com a alma nua, o verde ía para o além e eles estavam no topo, desguaiavam-se dos olhares, mancebos retraídos, estilo aos anos cinquenta, as cores eram como a arquitetura de um lar moderno e tradicional, o canto deles, sem paredes e nem teto, o céu bastava. A presença deles assinava um acordo entre aquele monte e o tempo, viam fartura de satisfação nos olhos do sol, auditório conspícuo, via os minutos a procederem morosamente enquanto eles degustavam dos padrões da eclosão do enredo. Empolgação silenciosa, pernas trémulas, toque desnorteador, beijo convidativo, etiquetas do sexo, narradas pela colina.

Mundo Minúsculo

Oito da noite, externo ínfimo, secundários, indiferentes, era incapaz de reagir àquela arruaça, tinha ela o coração aos pulos enquanto se aproximava do carro, passos lentos, porém precipitada, ainda vestia a armadura da elegância, quase se esquecia de respirar. Chegou e trocaram sorrisos através do vidro, não queria mais metros, então entrou logo, e lá estava ele, já não havia aparelhos a intermediar, a ilustre visão manteu os sorrisos, estavam ambos dentro do círculo de ideias mirabolantes, olhos sábios, mentes salientes. Domados pela paixão, o beijo aliciante sabia a saudade, tinha ela as papilas degustativas avoadas, nem deu pelo *whisky*, "beijo apocalíptico", já não era um vislumbre, estavam inteiros. Entre o lume e o entretenimento viam agrado no jogo de miragem, excitava-lhes mais, naquele espaço pequeno, na escuridão do relógio, expostos às vidas, tocou seus seios e sentiu sua boca, queriam prolongar a fome, outros níveis, outras fases, saciados dentro do tempo da paixão.

Sons Do Além

Havia luz e uma intensa escuridão, fechava mais os olhos, fiel às emoções, faziam sombras confusas, havia choros e sorrisos indefinidos, medo e amnésia, o prazer desmemorava, era cada vez mais quente. Houve silêncio também, teve momentos monótonos, mas logo em seguida era avivada. De tão forte que os abraçou, soube finalmente tudo o que as paredes guardavam, ouviu suas opiniões mas declinou-se delas antes do constrangimento, gostava mais dos beijos maliciosos com o gosto de charuto, sabia sempre aonde a ia tocar, aguardava atenta e encafifada, acabava impressionada, selvagem e gentil, a tinha inteira, ambos cantavam emoções, letra do prazer. Estavam a caminho da estrada para o além.

A Queda De Um Alucinado

Antes de submergir o mar do equívoco, antes das ideias túrbidas, amou-a insanamente, sem freios, sem sim, sem talvez, sem coerência. O que era a contenção? Amou seu perfume deixado na recepção, departamentos eram castelos com vinte e cinco criadas que asseguravam o aroma nos cantos, perfume intenso, o melhor que já sentiu. Paixão profissional? A colega andava entre vidros fumados e lá sabia dele. Amou-a com o dedo indicador cruzando seus lábios, três da tarde, garrafas de água eram taças de Martini beijando sua boca enquanto cliques, imaginação de cineasta. Ainda perdia o emprego, seus dias laborais eram repletos de fantasias. Depois do antes? Revisou conclusões, viu diversas companhias masculinas, vindas e idas, já não chegava sozinha, em máquinas de sonhos e levada por ligações de milhões, era uma golpista. Pobre alucinado, o perfume tornou-se desagradável, agro, ela arrancou-lhe aquela certeza ignorante sem nunca dizer-lhe alguma com os olhos. Depois do antes? Estava lançado, morto, provido, julgou os instantes daquela vida clandestina enquanto ela era abraçada

por diferentes braços. Chegou ao topo cansado e nada viu, a torre era velha, os degraus desapareceram, o belo balão de ar quente já não estava, precisava voltar, voltou jogado, era um logro, teve uma triste queda.

A Grande Fuga

Na mesa de *snooker*, aos olhos dos vidros, choque de luzes, a banda ocasionava o clímax, os melhores dos anos oitenta arriçava a todos na sala, *barman* palonço, poderia ser escritor, eram cenas e situações que inspiravam qualquer bom observador. Já esperavam. Quem seria desta vez? A vocalista da banda, um jogador de *snooker*, uma figurante, o insondável aos copos, a bela dama *sexy* que dançava no invisível, o dono do clube? E sucedeu, avistados na velocidade da luz, idas e vindas premeditadas após o tal primeiro olhar esporádico, segundo encontro, pois não era uma estreia de miragem, eram os mesmos rostos da noite passada em que ele esfumou-se antes do primeiro "oi", seria infrutífero se falassem, palavra alguma chegaria aos pés daquela troca de olhares, sem cetim e nem champanhe, porém espelhava muita elegância. O misterioso homem, fiel mirone do jogo, além das suas tatuagens ao longo do braço esquerdo na lateral externa, tinha ele também um secretismo muito atraente, e ela adorava, adorava também contemplá-lo enquanto ele tirava e colocava o

cigarro na boca, parecia-lhe tão *sexy*. Era o insondável, mas não aos copos, bebeu apenas dois desde que entrara, preferia o jogo, a música e ela, não tinha o costume de deitar a sua atenção no prescindível, não era ela a vocalista da banda, a dama *sexy* que dançava no invisível e nem uma figurante, era só a dama mais singular do clube. E lá foi, sentou-se na mesa dele, receava que se eclipsasse outra vez quando a grande ânsia de voltar a vê-lo fora o que lhe movera até lá, sabia que encontraria alguém para flirtar, porém se fosse ele seria uma noite ganha, sismou com ele e com suas tatuagens, excitavam-lhe:

- Porque queria eu ver-te outra vez? Disse ela

- Talvez porque eu também te queria ver. Respondeu ele com um sábio e discreto sorriso. Perguntas evitadas, pois ela viu a aliança, mas o homem fascinado também não disse não, tímido não, falador nunca, era só o insondável. Usava conversas diminutas como subterfúgios para ocultar sua expressão corporal e todo aquele desejo publicado enquanto sentia-se apressurada para que ele se levantasse e dissesse "estou de carro", estava muito controlado, mas era só fachada, pois tentava desviar o olhar pelo mesmo motivo, mas acabava voltando àquele jeito esfingico, àquele decote, já nem

controlava o *poker*, ambos loucos para mudar de cenário, fugir das ocorrências de última hora e daquela situação homicida. Queria parecer um cavalheiro e ela uma dama, sair logo não seria discreto, olhos ecoavam "vamos fugir, fugir, pegar a estrada, cama, e depois acordar em Montecito, talvez em Veneza, ou quem sabe em Monte Pico" . E finalmente emergiu, levantou-se e ouviu-se em seguida o "estou de carro", não, ela não respondeu desesperada, continuou sendo uma dama, apenas sorriu e depois de cinco segundos e um suspiro longo, indagou:

- Não tens pressa?

- Olha, se quiseres ainda podemos ficar aqui... Depende de ti! Aquela voz a desmoronava.

- Não, não é isso, digo... A tua esposa não está à tua espera?

- Não, não está!

E lá foram, o primeiro beijo aconteceu logo após o primeiro momento a sós, no carro, antes de deixarem o estacionamento do clube, ninguém mais precisava testemunhar aquele fogo, aquela ausência de luz só os excitava mais, os vidros ficaram embaçados, estava ele abraçado, respiração ofegante, eram os braços de quem a queria muito, tamanho desejo não caberia naquele espaço, então fugiram com o tempo e a estrada, só a

luz da lua bastava, geriram o momento, escaparam do inútil e fizeram a grande fuga.

Passo Seguinte

Convictos, porém o que ele via ainda era fictício, já a via sem o seu traje curial antes mesmo dela disinibir-se, já tinha a imaginação empanturrada. Doce virgem retraída, de costas para dar as honras, não podia mostrar-se adiantada, noivas prometidas cumpriam cerimónia ou ainda eram devolvidas. Prestava-se a *tics* e sua modéstia descrevia a cena como algo inusitado, as histórias que ouvia não poderiam ser introduções, de modo nenhum, então abdicou a si mesma e fez-se outra nele, a curiosidade vinha em dobro e o medo encolhia-se ao passo dos toques, toques estes que lhe porpocionavam segurança, e quando já sem nada se virou, queria sentir que estava mesmo a ser contemplada, que não eram só suas mãos galanteadoras. Chegou aos lábios dela ao passo dos ponteiros do relógio, fê-la conhecer, mocinha inexperiente, soube que não precisava de instruções, era só desligar-se, era ele adequado, espantou o medo do corpo dela, fê-la motivá-lo aos poucos sem sair da modéstia, o papel continuou sendo dele, o cavalheiro.

Sedutora Experiência

Os fios brancos eram neutros, homens mais velhos possuíam todas as cartas, o *gin* não atrapalhava, o perigo não era olhado como tal, situações ou labirintos poderia sair sempre que quisesse, perdeu-se nele mas guardou anotações, preveniu-se, a experiência dele a domou, o desenrolar era cativante, sexo primitivo não a entusiasmava, queria conhecer as formas em uma só, Já calculava a sua surpresa mas era mais pela pessoa. Ainda que perfumasse os cantos com sua inocência, era arrojada, um cofre de ferro não seria assustador, ele era um grande livro de instruções, ensinava-lhe a posicionar-se, nunca a deixava ver-se nele, era discreto. Sua doçura fazia apelos, de forma amável e experiente era óbvio, fechava todos os caminhos, ela não se atreveria a segui-los, não era um mar de mentiras, nunca lhe fez promessas. Domesticou o sentimento, estava vacinada, era o romance perfeito, fê-la adaptar-se, ele intimidava os pontos de interrogação e as portas de saída, ele encerrava. Seu realismo oposto fê-la admirá-lo, fê-la ficar, ainda que sem um segundo plano.

Combustão E Química

Chovia pouco, a precipitação buzinava, fluía o rio, afogadilho na estrada, gargalhadas espevitavam, a noite era uma criança, beijos eram dados, lágrimas em rostos, negócios eram feitos, outros dormiam, danças envolviam e atenções eram roubadas. Um posto de gasolina? Não, não era o lugar mais adequado, poderiam detoná-lo, havia fogo nos olhos, pessoas surgiam do nada e ninguém andava de olhos fechados, sortudos eram cegos. Mesmo dentro do carro, entre o vai e vem do parabrisas, por trás dos vidros empanados pela chuva, rastos do frio, ninguém escolhia o que fazer na espera, era "o louco entretenimento", acontecia, o mundo girava, o sol na primeira fase do sono e lá estavam os indecisos, a roubarem-se, escondidos, viu-o sorrindo de mansinho, não teve vergonha, era ousada, cabalisticamente ousada, não desviou o olhar, não o deixou à espera, gostava mesmo do que estava a ver, tinha ele um olhar safado, imaginou coisas. Fê-la perceber o que pensava, pois também lhe passava um monte, deliciava-se com a sensação, ardida, puro material inflamável, não faltava nada,

se não estivessem no carro, o posto iria arder, aquela chuva branda não ajudaria muito. Século do normal, ela poderia sair do carro com o guarda-chuva e pedir o contacto, ou talvez ele, porém o jogo perderia a graça. Feito, precisava retirar-se, mas renegava a ideia de sair sem a certeza de que a veria outra vez, era uma loucura, que o resto visse, que a senhora no carro de trás o apressasse, que fosse chamado de louco. Quem não lavava o carro? Sim ele fez, escreveu o seu nome e o contato no vidro, dizendo por baixo "faça uma foto", para alguma coisa aquele velho marcador no carro serviu... Ela sorriu enquanto dizia seu nome, as luzes do posto oscilavam a cada cinco minutos, mas era muito intensa, então aproveitou aquele intervalo e fez a foto de imediato, estavam próximos. O jogo não perdeu a graça, tornou-se mais excitante, ele soube jogar. Não saiu no anonimato, piscou-lhe o olho como sinónimo de satisfação, com o jeito de safado sigiloso.

Check Mat

Hibernou a mulher errada, cedeu, rendeu-se. Era a humilhação à superfície do amor? Saudades sufocavam, desculpas eram o ar a chegar nos alvéolos pulmonares, o mundo era para ambos os gêneros, rainhas também ouviam. Que poderia ela fazer? Esquecer? Esquecer de como era amada com olhos enquanto respondia ao prazer? Longe disso, o orgulho queimava o peito, o silêncio era como uma bala atingindo esperanças em câmara lenta, morreria. Aquele papel era seu, ursupadoras seriam fracasso. Súplice, mansa, submissa, porém o vestido em seu corpo possuía o triunfo, foi-lhe dado, após o soar da companhia, ele abriu, olhou e o jogo estava ganho, trindade opressiva, ela, o vestido e o sim, teve muita audácia, deixou o cavalheiro diante de um choque de venustidade, petrificado pois era inexpressivo, tinha de ser prolongado, por isso a convidou para entrar, não havia resquícios de tensão, o sim era certo.

Bouquets Para O Infinito

Tocava o sino, espaço preenchido, multidão domingueira, desde o começo concordaram, estavam em todo o canto, jóias balançavam, vestidos, paletós, gravatas e laços, os dentes de fora, elegantemente, todavia era genuíno. Santo e humilde palácio, inundado de alacridade. E ele? Ele estava há milhas de distância da terra, voava, viu-a entrar, plena, feérica, de branco, aformosou o longo tapete vermelho, deu-lhe luz, tinha um lindo véu, o vestido feito para ela, estava encurvado, jogavam olhares, jogavam aplausos, emocionados. Em passos vagarosos, compassados, segurava firme o *bouquet*, quem a levava espelhava orgulho, o véu escondia seu sorriso, trazia lágrimas consigo, o mundo alegrou-se com eles, um grande acordo seria feito, em palavras, os sentimentos já ressoavam, ouvia-se o "Ave Maria ", emoções saltitavam. Chegou perto, o noivo a beijou, lágrimas continuaram, ouviam seus corações, palavras não saíam, mas o sim foi dado, a multidão eufórica e o palácio sorriu.

Uma Doce Visão

Saíu molhada, completamente molhada, sorria enquanto suas mãos cumprimentavam seus cabelos, o fato de banho era preto, deu-lhe curvas, parecia uma atriz famosa. Talvez tivesse ensaiado aquele andar, esbeltas pernas, era perfeita, seu esposo a admirava, metade da praia o fazia, o mundo não deixou escapar nenhum centímetro da sua pele, foi vista, cada canto do seu corpo pomposo, tinha uns seios lindos, a água enxugada pelo tecido do fato de banho ajudou, suas ancas eram largas, tinha os olhos castanhos, castanho escuro tal como seu cabelo, seu rosto traduzia umas belas covinhas quando sorria, mais que de mais, seu esposo era preocupado, só olhares não a roubariam. Delicada e expansiva, viu tudo isto o salva vidas, dos seus binóculos no ponto mais alto da praia.

Beira Da Perdição

Minuciosidades algemavam sua atenção dentro de uma prisão abarrotada de ideias avivantes, sucedia o tempo enquanto sonhava e por outra apresava a realidade. Diva da badalada, mãe da sensualidade, beleza esperta, explodia o brilho, não eram detalhes de qualquer uma, viu-a beijar outros lábios, eram os mesmos olhos de gueixa, ainda tinha a coroa sobre a cabeça, porém o rei ele já não era, mas ainda o excitava do mesmo jeito, a forma como as pontas lisas do seu cabelo batiam em suas curvas o derrubava, era terrível e selvagem, doce dia sangrento. Não havia inventores de janelas para o tempo, então ardia, ultrapassava todos os sinónimos de arder, ciúmes eram inferiores, sentimento medíocre, podia vê-la, podia perder-se no paraíso, era real, deixou-se invadir.

Primeira Classe

Universo luculento, taças cintilantes, vista à cidade, luxúria, um misto de luzes, noite de muitos. Mais um *best-seller*, havia o que comemorar, houve brindes e sorrisos, autógrafos, cercos, discursos, sondagem, porém não era aquele lugar que faria a sua noite. Reservou uma suite, o conforto ilustrava o número de estrelas, esgueirou-se do público, precisava chegar antes dela. Autor de grandes poemas, romancista meticuloso. Apurou os cantos e teve a certeza que estava tudo pronto, rosas, vermelhas rosas, vinho, não, não havia velas, queria fulgência, porém não fossem aqueles pormenores faustosos, os protagonistas . A bela dama chegou, numa limusine preta, a cor do seu vestido, estrondoso vestido, tinha o cabelo solto e o vento participou. Entrada atrativa, figurantes olhavam, não era uma deusa, apenas a esposa de um romancista, ele vendeu mais livros e quis celebrar num arranha-céus, perfeita exclusividade. Enquanto passava, não olhou os rostos, mas seus brincos de ouro faziam o reflexo de cada reacção, tinha os saltos e os saltos tinham o chão, dona do piso, o hotel a conheceu

inteiramente, espalhou o perfume pelo salão, as paredes de prata do elevador a espelharam. Alcançou o destino e bateu três vezes, subtilmente, usava luvas, estava elegante, e quando ele abriu seus olhos não acreditaram, havia um piano, toque de mestre, não poderia ser melhor, a porta fechou-se assim que ela entrou, escreveriam o final daquela noite, pois as últimas horas daquele dia estavam todas guardadas naquele quarto.

No Declínio

Perplexidade talvez, porém já não suportava aquela vida secreta, queria-o absolutamente, ainda que as ideias opostas fossem retinidas pelo altifalante, chefes e reis eram homens, também existiam, também desejavam, eram importantes, suas apetências saciadas como qualquer cidadão, os corredores sabiam, hóspedes que espiassem, queria que ele deixasse de se importar, dos funcionários às câmaras, do primeiro ao quinquagésimo andar, da recepção à cobertura, tanta gente, mas também eram, pertenciam à humanidade. Talvez estivesse mesmo farta, então correu, seguiu-a. Coxas? Orgasmos? Que terceiros tirassem conclusões, sucesso, casamentos, divórcios, filhos, mais um chefe enrabichado pela funcionária *sexy*. Sentiu-se diante de uma grande perda, já estava envolvido. O elevador quase ia fechar-se quando ele entrou, entrou atirado, estavam a descer, implorou-a, saiu dos padrões, aquele jeito fazia-o debandar-se, o homem treloucou, estava sobre pressão, e então prometeu coisas, entre andares fê-la sorrir, sorriu debochando, nunca o tinha visto assim, mas queria ter a

certeza, talvez fossem apenas palavras, então agarrou, pegou firme seus braços e ficou entre eles, pediu que a beijasse, olhou sem desviar, ele estava suado, não era só esforço, a ausência de distância entre eles chegava a ser uma insânia, seus sinais vitais desnorream-se. Ele fez melhor, não se aguentava, subiu-lhe a saia, agarrou sua cintura, beijou-lhe a testa e desceu até à boca, artistas dariam outro substantivo. Como poderia deixar-lhe sem ar? Ela desfez-se, entregou-se, e estavam mesmo a descer, sem metas, desatentos, ativados. Desejava ser tocada, então ele baixou, tirou-lhe aquela calcinha vermelha de renda e tocou-lhe, sem parar, o perigo excitava, lugares inapropriados favoreciam no prazer, e ela gemia, gemia enquanto desciam, e finalmente ele falou, saiu de sua boca enquanto a tinha entre suas pernas, disse que não se importava.

Paixão Artística

Beijo pintado, toques desenhados, olhares editados, poética ereção, paixão artística na sala do autor. Descompassado perdeu-se em tudo, pois viu imensas formas de inspiração através do corpo dela, era leitora, coletora, olhos da arte, amante do artista. Tão peculiar, dava voltas, estático no centro, era tão bela, mas não poderia criar sem amá-la antes, naquele quarto de telas, caverna de explosão de ideias. De facto era mais bela do que tudo o que ele criara, sentiu-se insuficiente mas amou-a, louco, inundado de formas, não conseguia conter-se, mas continuou sendo o artista, amou-a com precisão, desde as roupas tiradas, de forma cavalheira conheceu seu exterior, não criou, sentiu seu interior, quente e húmido, enquanto ela o lia, a arte era feita por ambos, uma arte promíscua.

Testemunhas Da Memória

A lua a seguia, na mesma velocidade que ela ia, enquanto visitava seu hóspede, a lua espiava enquanto ela vasculhava suas memórias e via-se nele, os cílios dos olhos, fogo refinado, via-se quente nele e dava acesso a elas, à lua e à brisa, cúmplices, comparsas, saberiam de coisas. Leram sua expressão, os reflexos nos vidros e a brisa a bater eram leituras feitas, conseguiram a chave do diário dada por ela mesma, entregou-se por introspecções, era bom demais lembrar, foi vista a alcançar níveis, a viram conhecer outras músicas, não eram saxofones, pianos e nem trompetes, eram profundos, intensos gemidos, foi vista sendo humana, tomada, mostrou-lhes com o sorriso safado e o olhar revirado, com as mãos percorrendo suas coxas tentando buscar a cena e ver se ele ainda aí estava, a lua e a brisa, observaram sua loucura nas páginas da memória, a viram nua e agasalhada de prazer.